



COTIDIANO
entre linhas e letras

A RUA É MEU QUINTAL

Tânia Alexandre Martinelli

4ª edição

Ilustrações:
Lucia Brandão

 **Atual**
Editora

Copyright © Tânia Alexandre Martinelli, 2000.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br
Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Martinelli, Tânia Alexandre,
A rua é meu quintal / Tânia Alexandre Martinelli; ilustrações Lucia
Brandão. — São Paulo: Atual, 2009. — (Entre Linhas e Letras: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.
ISBN 978-85-357-0078-7

1. Literatura infantojuvenil I. Brandão, Lucia. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Série Entre Linhas e Letras

Gerente editorial: Wilson Roberto Gambeta

Editor: Henrique Félix

Assessora editorial: Jacqueline F. de Barros

Coordenadora de preparação de texto: Maria Cecília F. Vannuchi

Revisão de texto: Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Célia Demarchi/Aline Aratújo

Gerente de arte: Edilson Felix Monteiro

Chefe de arte: José Maria de Oliveira

Diagramação: Adriana M. Nery de Souza

Colaboradores

Projeto gráfico: Glair Alonso Arruda

Preparação de texto: Maria Cecília Kinker Caliendo

Roteiro de leitura: Arlete Aparecida Betini

Produção gráfica: Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento:

17ª tiragem, 2019

CL: 810404
CAE: 576010

SUMÁRIO

O quintal	5
Vida dura	7
Setembro, na rua	9
Em casa	13
De volta à escola	16
Cobranças	20
A mãe, o pai e o padrasto	24
Tentativa	27
Frustração	29
A escola	32
Mais promessas	34
Dor	36
Paulinho	39
Na rua de novo	44
Nova amizade	50
A conversa	55
Outro bate-papo	59
A reunião	62
Uma chance	65
Pela manhã	67
Sonhos	69
Tristeza	72
O namorado	74
A carta	75
Reencontro	79
Mudanças	81
Esperanças	84
Uma nova vida	86
De volta à realidade	89
A autora	92
Entrevista	95



Para meus pais, meu marido e minhas filhas.

*Para os amigos Silmara e Aécio Perroni, que
vibram comigo a cada nova conquista.*

*Para Alice Gimenez e Cristina Moretto Pellisson,
amigas sensíveis às questões da nossa existência.*

*Para as muitas “dona Lúcia” que conheci
durante estes anos todos.*

O QUINTAL

ERAM cinco horas da tarde. Ainda longe de casa, eu queria chegar logo para poder tomar um banho e descansar. Estava morto.

Pelo menos toda aquela correria valera a pena. Tinha enfrentado fila, ficado quase uma hora esperando minha vez, escutando as pessoas reclamarem da demora... mas no final tudo tinha dado certo.

Procurei andar um pouco mais rápido. Atravessei as ruas correndo, quase que a minha pasta com os documentos cai no chão.

Resolvi cortar caminho. Achei ótimo ter aparecido um campinho para eu passar no meio. Daria pra economizar um bom pedaço. E isso significariam alguns minutos também.

Continuei andando rápido, pisando naquele caminho de terra batida onde nem grama nascia mais.

Do outro lado, vinha em minha direção um garotinho de mais ou menos uns dez anos. Estava com um shortinho marrom, descalço e sem camisa. Na mão, uma pipa.

Eu continuava apressado, ansioso para chegar logo, sonhando com um banho bem gostoso.

Quando o garotinho estava bem perto de mim, ele disse:

— Hoje não tá bom pra soltar pipa.

Eu estava com o pensamento longe, mas tão longe que me virei para o menino e falei, num impulso, quase sem querer:

— Hein?

Ele só me respondeu:

— Não tem vento.

E foi embora.

Fiquei acompanhando com os olhos aquele menino miudinho, as costas bem queimadas pelo sol forte de janeiro, levando sua pipa para fora do campinho.

Parei onde estava e olhei ao meu redor. Fazia um tempo bonito, de céu azul, sol, mas, como o menino mesmo havia dito, sem vento.

— Não é mesmo época de vento... — falei para ninguém, pois eu estava sozinho. O menino já tinha ido embora. — Agosto, sim, é bom...

Recomecei a caminhada, mais devagar agora. Alguma coisa me tirava toda aquela pressa.

Não havia calçada em volta do campinho. Só a grama e a sarjeta. Saindo dele a gente já estava na rua. Mas havia algumas pequenas árvores plantadas, acho que pelos próprios moradores, para deixar o campinho com uma cara de praça, sei lá.

Senti uma vontade grande de me sentar ali e deixar que tudo o que estava vindo na minha cabeça, todas as lembranças, tomasse conta de mim.

Um lado meu queria que eu fosse embora, estava supercansado; outro, vinha me trazer uma sensação gostosa de conquista... de tanta coisa...

Aproximei-me da árvore, coloquei no chão a pasta com documentos e me sentei em cima dela. Fazia isso com os meus cadernos de escola. Era sempre assim quando eu queria pensar, estar comigo mesmo.

Fiquei com saudade do meu quintal. Era como eu chamava o campinho que havia perto de casa. O lugar em que eu me sentia livre, solto...

Faz tempo que eu não passo por lá. Não é mais meu caminho de ida para a escola. Deixou de ser meu quintal há algum tempo, ficou para trás.

Lembro que levei uma das cartas da Marcela até lá para ler sozinho, sem ninguém por perto. Sabe que eu achei que ela não fosse me escrever nunca? Também, ela foi embora daquele jeito, sem mais nem menos!

Acho que a última vez que estive no campinho foi com o Paulinho, quando dei a ele de presente... Bem, antes disso aconteceu muita coisa. Muita coisa mesmo. É melhor eu contar como tudo começou.



VIDA DURA

MINHA vida era ficar nas ruas. Minha mãe dizia o que estava faltando em casa e eu saía a buscar. Deixava de ir à escola alguns dias e ficava por aí, pedindo nas casas. Era esse o meu dia a dia e eu já estava bem acostumado.

Só que de vez em quando eu tinha que aparecer na escola, pois a professora mandava gente atrás de mim. Aí a mãe ficava louca da vida porque, para ela, escola só atrapalhava.

É por isso que eu fiz o 6º ano três vezes. É que todo começo de ano sempre acontecia a mesma coisa: eu faltava tanto, mas tanto, que acabava perdendo o interesse, e quando chegava lá pra agosto, setembro, eu desistia de vez. Ficava meio por fora, sabe como é? Parecia que era outro mundo, que a escola não era mesmo pra mim.

Às vezes — mas só às vezes — eu me perguntava por que pra um montão de gente ir pra escola era a coisa mais normal do mundo. Pra mim, nada disso era normal. Eu era obrigado a faltar. Se não faltasse, não tinha comida em casa. Ia deixar os manos passarem fome?

Você pode estar se perguntando da mãe. O que é que ela fazia, o que é que ela achava... Mas, como eu disse agora há pouco, pra mãe, escola era um tormento. Eu podia ir de vez em quando, tudo bem, mas em primeiro lugar estava a nossa casa, que nem era bem uma casa.

Escola deixava pra lá. E, quando eu chegava pra ela e dizia que ia desistir, ela só me olhava e falava pra eu fazer o que quisesse. Eu é que tinha que resolver.

Por isso tudo, nunca tive muito estímulo pra estudar. Só a dona Lúcia, a professora de Português do 6º ano, não largava do meu pé. Ela vivia me dando conselhos. Umass palavras que, mesmo eu não querendo, vinham martelar na minha cabeça de tempos em tempos.

Não me lembro quando foi a primeira vez que saí nas ruas pedindo as coisas. Eu era bem pequeno. Costumava achar que isso já fazia parte de mim, da minha vida. Pensava que não existia outro modo de viver e que seria assim para sempre.

Pensa que eu esquentava? Quando a gente se acostuma com uma coisa, tudo parece normal. Hoje eu penso: como é que pode uma pessoa achar que não ir à escola, estar sempre faltando para pedir o que comer possa ser normal? Mas sei que para mim era. Eu não conhecia vida diferente. Não tinha ideia de que as coisas não deviam e não podiam ser assim. Pra falar a verdade, acho que, se não fosse a dona Lúcia, eu ainda estaria pensando daquele jeito.

Não me lembro direito de quando tudo começou. Como falei, eu era bem pequeno. Mas tem uma coisa de que me lembro bem: do dia em que voltei pra escola, depois de mais de duas semanas sem dar as caras.

Eu estava no 6º ano. Pela terceira vez e com treze anos. Hoje tenho dezoito, fiz aniversário no comecinho do ano.

Era o mês de setembro e já estava todo mundo apostando que eu não voltava mais. Não tinha acontecido assim nos dois últimos anos? Pois então.

Acho que não ia voltar mesmo, se não fosse a dona Lúcia. Eu já não estava tão acostumado com essa vida?

Só que algumas coisas foram acontecendo e, a partir daí, fui começando a definir mais ou menos o que eu queria e o que não queria também. Fui começando a ver que a vida poderia ser de outro jeito. Fui percebendo que só conhecia um lado das coisas e estava na hora de conhecer o outro.

SETEMBRO, NA RUA

— **T**IA, tem alguma coisa pra dar?

— Hoje, não.

Eu já ia juntando as duas sacolinhas do chão, quando a mulher colocou de novo a cara na janela.

— Cadê sua mãe?

— Tá em casa — respondi. — Cuidando dos outros.

— E você não tinha que estar na escola a essa hora, não?

— É que... não tem aula hoje...

— Sei...

Eu ainda fiquei olhando a mulher por alguns segundos, aguardando sua próxima pergunta. Também não sei por que fiquei ali parado. Eu estava esperando o quê?

Como o assunto parecia encerrado, comecei a caminhar.

— Espere um pouco aí — ela falou.

Eu obedeci. Coloquei novamente as sacolas no chão e fiquei aguardando. Pouco depois, a mulher da janela apareceu no portão.

— Tome. — Ela me entregou um pacote de biscoito.

— Obrigado.

— E veja se não falta mais à aula, hein?

Não respondi. Já de costas, sem me virar, apenas ergui a mão e fiz um sinal de positivo com o polegar direito.

O caminho era longo. Mas eu não tinha pressa de voltar pra casa. Gostava de andar bem devagar, olhando o bairro inteiro. Era um dos mais bonitos que eu já tinha visto.

As casas eram todas bonitas. Às vezes eu brincava de fazer votação, assim, qual ganhava da outra em beleza ou tamanho. Só que aí eu ficava confuso, porque era realmente difícil de escolher. Coisa de criança...

Sempre que passava por ali, eu me perguntava como seria morar numa casa de verdade, ter um cômodo separado do ou-

tro, onde a cozinha pudesse ser a cozinha; o quarto, o quarto; a sala, a sala... Pensava nisso o tempo todo em que eu andava, lembro bem.

Havia uma casa que sempre me chamava a atenção. Toda vez. Era pra ela que eu olhava mais tempo. Ficava numa esquina. Eu tinha acompanhado a obra desde o primeiro dia, desde que chegara o primeiro caminhão com o material da construção. Eu gostava à beça de ficar observando.

Um dia até um dos pedreiros percebeu. Perguntou por que é que eu sempre estava ali, parado.

— Gosto de olhar, só — respondi pra ele.

A cada dia que passava, ela estava diferente. Sempre um detalhe ou outro iam aumentando a sua beleza e me deixando ainda mais impressionado com a sua arquitetura gigantesca.

No andar de cima, as sacadas, com as janelas de vidro fumê. Como eu queria ver minha cara refletida num vidro tão bonito!

E o jardim, então? Coisa de filme! Enorme, sem nenhuma separação entre ele e a calçada. Parecia uma coisa só. O dono tinha colocado umas pedras no meio da grama para as pessoas passarem sem amassar aquele verde bonito. Como passar sem dar uma paradinha pra ficar olhando?

Um dia percebi que já tinha gente morando, deu pra notar movimento na casa. Ela finalmente estava pronta. E era linda demais! Sabe que até hoje foram poucas as casas que me impressionaram tanto?

Eu ficava imaginando quem seriam os moradores, o que é que eles faziam o dia inteiro... Seriam médicos? Ou um empresário superocupado? Poderia ser tanta gente...

Ficava me imaginando morando numa casa daquelas, com piscina e tudo. Ainda mais eu, que adorava nadar. Quer dizer, gosto até hoje, mas não tenho mais muito tempo. Naquela época eu ia às vezes ao riozinho perto de casa, lá na maninha. Nem achava tão perigoso. A molecada da rua ia e eu ia junto.

Enquanto observava a casa e ficava pensando em todas essas coisas, escutei alguém chamando pelo meu nome: